

EMERGÊNCIA DE PLÂNTULAS DE DUAS PROGÊNIES DE *Dipteryx alata* Vogel EM CONDIÇÕES DE CAMPO

Helenice Moura Gonçalves¹; Fabiana de Gois Aquino¹; Marcelo Ayres de Carvalho¹; Natália Durães²

¹ Embrapa; ² Universidade de Brasília

INTRODUÇÃO

O baruzeiro (*Dipteryx alata* Vogel - Fabaceae) apresenta ampla distribuição geográfica no Brasil, podendo ser encontrado nos estados do Pará, Rondônia, Tocantins, Bahia, Maranhão, Piauí, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo. Em função disso, a espécie apresenta alta diversidade genética e adaptação à sazonalidade climática das regiões de ocorrência. A castanha-de-baru vem ganhando destaque internacional como alimento altamente nutritivo, uma vez que apresenta elevados teores de proteínas e lipídios; de macronutrientes, sobretudo potássio, fósforo e enxofre, e de micronutrientes, com maior concentração para o elemento ferro (Almeida et al., 1990; 1994; 1998). O baruzeiro frutifica no período seco, quando os agroextrativistas se organizam para a coleta dos frutos e obtenção das castanhas, que são importantes fontes de alimento e renda para as comunidades locais.

A exploração desordenada pode comprometer a manutenção da diversidade genética da espécie. A espécie *D. alata* figura na lista da *International Union for Conservation of Nature* (IUCN) como vulnerável. Por essa razão, é importante desenvolver sistemas de plantios de espécies nativas com potencial econômico, visando inseri-las nos mais variados contextos, como enriquecimento de áreas, recuperação de áreas degradadas, plantios comerciais etc., contribuindo, assim, para garantir a oferta de castanhas e frutos, sem comprometer a manutenção das populações naturais de baruzeiro. O objetivo do trabalho foi avaliar a percentagem de emergência de plântulas, em condições de campo, para duas progênies de *Dipteryx alata*.

MATERIAL E MÉTODOS

O experimento foi implantado no dia 26 de novembro de 2021 na área experimental da Embrapa Cerrados, Planaltina, DF, situada a 15°35'30'' S e 47°42'30'' W, a 1.007 m altitude. O solo predominante na área experimental apresenta topografia plana, é classificado como Latossolo vermelho distrófico, com alto teor de argila. O preparo da área se iniciou com controle mecânico e químico da matocompetição existente, semeadura a lanço em área total de adubos-verde (*Crotalaria juncea* e milho). A área possui um hectare e, anteriormente havia plantio de soja em rotação com plantas de cobertura e pousio (Figura 1).

Após a definição do local das 96 covas, espaçadas em 7x7m, realizou-se o coroamento no local, identificação e abertura das covas nas dimensões 10x20x10cm (Figura 1). A adubação na cova de plantio foi de 50g de P₂O₅, 22g de calcário dolomítico e 200g de esterco de gado curtido. As dimensões da cova e as doses de adubação foram definidas a partir das recomendações de Andrade (2004). Em cada cova foram semeadas duas sementes, enterradas no sentido do comprimento, com o hilo voltado para baixo. Ao todo, foram semeadas 192 sementes, 96 por progênie.

As sementes, utilizadas na semeadura direta, foram extraídas dos frutos por meio do uso de máquina mecânica e armazenadas em garrafas PET, por 10 dias. Após a semeadura houve controle de insetos, especialmente formigas e coleópteros. As avaliações da emergência de plântulas (abertura dos cotilédones); da altura, com auxílio de uma régua; do diâmetro do colo, com auxílio de um paquímetro, bem como observações quanto à herbivoria, danos e outras ocorrências, foram realizadas aos 20 dias e aos 60 dias, após a semeadura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Grande parte dos trabalhos que avaliam a germinação, a emergência e o crescimento inicial de baruzeiros foi realizada em condições controladas. No presente trabalho, em condições de campo, a percentagem de emergência foi maior que 70% aos 20 dias de avaliação, alcançando 83% para a progênie 2 no segundo mês (Tabela 1 e Figura 2). Houve predação parcial das sementes, onde a parte superior da semente foi removida. Não foi possível identificar o animal que causou a predação parcial nas sementes. O registro de predação parcial ocorreu em cerca de 10% das sementes de cada progênie e essas foram substituídas nos primeiros três dias do início do experimento.

As observações mostraram que, mesmo com a predação parcial da semente, houve emissão da radícula e cotilédones. Os altos percentuais de emergência corroboram com os achados na literatura. Filgueiras e Silva (1975) registraram germinação de sementes de baru, coletados em três municípios do Estado de Goiás, variando de 28% a 76%. Fonseca et al. (1994) relataram níveis de emergência de 52,5 e 72,8% para sementes colocadas em condições de sombra e a pleno sol, respectivamente. Oliveira (1998) obteve 50 a 90% de germinação para três procedências de baru. Corrêa et al. (2007) registraram valor médio de 97,02% para diferentes progênies coletadas no Estado de Goiás. Diante dos resultados, aparentemente, o baru não apresenta restrições severas à germinação e à emergência das plântulas, mesmo em condições de campo.

Tabela 1. Emergência (%), altura (cm) e diâmetro (mm) de plântulas de *Dipteryx alata* (baruzeiro) em condições de campo, após 20 e 60 dias da sementeira direta das sementes. Planaltina, DF. Nov. 2021/ Dez. 2022.

Número inicial de sementes (n=96)	20 dias	60 dias
Emergência de plântulas (%)		
Progênie 1	78%	83%
Progênie 2	72%	70%
Altura média (cm)		
Progênie 1	-	10,8±3,0
Progênie 2	-	11,0±2,7
Diâmetro médio (cm)		
Progênie 1	-	0,40±0,06
Progênie 2	-	0,42±0,06

CONCLUSÃO

Conclui-se que o plantio de baru, via sementeira direta no solo, é viável, com alta taxa de emergência de plântulas, independentemente da progênie. É necessário acompanhar o desenvolvimento das plantas para consolidar o conhecimento sobre a persistência dos materiais em condições de campo.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o apoio logístico da equipe de campo, em nome do assistente de campo Sr. José Cardoso, e o apoio financeiro da Embrapa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S.P.; SILVA, J.A.; RIBEIRO, J.F. Aproveitamento alimentar de espécies nativas dos Cerrados: araticum, baru, cagaita e jatobá. 2^a ed. Documentos, 26. Planaltina: EMBRAPA CPAC. 1990. 83 p.

ALMEIDA, S. P.; SILVA, J. A.; FONSECA, C. E. L. Valor nutricional de frutos nativos do cerrado. p.23. In Reunião especial da SBPC, I. Uberlândia. Resumos e perspectivas 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília. 1994. 681 p.

ALMEIDA, S.P.; PROENÇA, C.E.B.; SANO, S.M.; RIBEIRO, J.F. Cerrado: espécies vegetais úteis. Brasília: EMBRAPA, 1998. 464 p.

ANDRADE, L.R.M. Corretivos e fertilizantes para culturas perenes e semiperenes. In: SOUZA, D.M.G. de; LOBATO, E. (Eds.). Cerrado: correção do solo e adubação. 2. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica. 2004. p.317-366.

CORRÊA, G. C.; ROCHA, M. R.; NAVES, R. V. Germinação de sementes e emergência de plântulas de baru (*Dipteryx alata* Vog.) nos Cerrados do estado de Goiás. Pesquisa Agropecuária Tropical, 2007. Pag. 17–23. Volume 30 (2).

FILGUEIRAS, T. S.; E. Silva. Estudo preliminar do baru (*Dipteryx alata* Leg. Faboideae). Brasil Florestal, 1975. Pag. 33-96. Vol. 22.

FONSECA, C. E. L.; FIGUEIREDO, S. A.; SILVA, J. A. Influência da profundidade de sementeira e da luminosidade na germinação de sementes de baru (*Dipteryx alata* Vog.). Pesquisa Agropecuária Brasileira, 1994. Pag. 653-659. Volume 29 (4).

OLIVEIRA, A. N. Variações genéticas entre e dentro de procedências de baru (*Dipteryx alata* Vog.). Dissertação de Mestrado. UFLA, Lavras, MG. 1998. 81 p.

PELLIZZARO, K. F. Restauração ecológica por meio de sementeira direta no Cerrado: avaliando espécies de diferentes formas de vida e densidades de plantio. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília. 2016. 75 p.